



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 11 - Ano 6 - Nº 11 - Janeiro / 2018

ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

www.artezen.org

8 – A FAMÍLIA E A ESCOLA COMO INSTRUMENTOS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Emanuela Pompa Lapa*

A família brasileira sofreu profundas modificações nas últimas décadas, seja em sua natureza, seja em sua composição ou concepção, mas foi somente a partir da década de 80 que os estudos se intensificaram sobre esse tema.

Como bem ressaltaram Almeida e Moreira (2011), as questões econômicas ocorridas a partir do século XIX, sobretudo a entrada da mulher no mercado de trabalho, equipararam pai e mãe no que diz respeito ao exercício da parentalidade. O homem passou a participar mais da criação dos filhos e, por outro lado, a mulher contribui com todas as questões familiares, inclusive, financeira.

Diante dessa constatação, o casal da atualidade precisa mais do que nunca dos colaboradores, conhecidos como rede de apoio, que ajudam na criação de seus filhos. Não só os avós, mas também as babás e as instituições de ensino passam a fazer parte do contexto de formação, criação, desenvolvimento e educação das crianças.

Sobre a rede de apoio social, Brito e Koller definiram:

Ao conjunto de apoio de sistemas de pessoas significativas que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo denomina-se rede de apoio social. A esse construto foi, recentemente, agregado o elemento afetivo, em função da sua importância do afeto para a construção e a manutenção do apoio. Apoio social e afetivo abrange uma temática multifacetada e dinâmica, que exige uma avaliação complexa e constante

do contexto ambiental no qual a pessoa se desenvolve, sua história, seu momento atual e das pessoas com as quais se vincula, bem como as características individuais de todas elas. Esses aspectos formam o espaço ecológico no qual a pessoa se desenvolve (1999, p. 115).

Nesse universo das redes de apoio social e afetivo, percebe-se a importância da qualidade das relações que são estabelecidas ao longo da vida. Tem-se o afeto como instrumento de formação e de desenvolvimento humano. O vínculo permite autoria de pensamento e de autoestima. Noutro giro, a ausência de vínculos duradouros e saudáveis certamente causará ao indivíduo dificuldades de enfrentamento social e de conflitos e até doenças emocionais.

Ainda sobre os fatores fundamentais para o desenvolvimento da criança, surge a questão, sempre polêmica e em constante debate entre os pesquisadores, que é a relação entre família e escola. Não há dúvida que ambas ajudam na construção das funções sociais, políticas e educacionais, influenciando na formação do cidadão, mas como bem asseverou Leal e Moreira "... os papéis exercidos pela família e pela escola são complementares, mas ambas também apresentam funções específicas e distintas." (2011, p. 67).

De qualquer forma, é indiscutível a necessidade de diálogo e interação entre família e escola, aqui representada não só

* **Emanuela Pompa Lapa** – Mestranda (aluna especial) em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Especialista em Direito Civil e Direito do Consumidor pelo JusPODIVM. Integrante do IBDFAM (Instituto Brasileiro de Direito de Família). Advogada especialista na área de Família e Sucessões. Sócia do Lapa Góes e Góes Advogados. emanuela@lga.adv.br.

pelos professores, mas pelos gestores da escola, como coordenadores e diretores.

Farias Filho (2002) ressaltou a variedade da forma e da intensidade das relações entre escolas e famílias, influenciada por diversos fatores, como estrutura e tradição de escolarização das famílias, classe social, meio urbano ou rural, número de filhos, ocupação dos pais, dentre outros.

A educação tem a ver com o uso da palavra e da memória. São processos que fazem surgir algo novo. Tem objetivo de trazer à tona o que o outro tem de melhor e o que socialmente e culturalmente é esperado de nós. Exercer a educação é um dever de todos.

Exatamente por este fenômeno é que os pais precisam ir às escolas, e a escola ir até as famílias. Ambos precisam se conhecer e construir juntos caminhos e práticas assertivas para a criação, formação e educação das crianças.

A escolha de qual escola o filho vai estudar é o primeiro passo dessa relação, e, evidentemente, um dos mais importantes. Recomenda-se que os pais, com antecedência, procurem saber sobre o projeto educacional, os princípios, missão, visão e valores daquela instituição. Portanto, fazer uma boa escolha, entenda-se, uma escolha mais próxima à formação cultural, social e econômica dos pais, facilitará imensamente a construção de diálogo propositivo entre escola e família.

A ação mediadora apresenta-se como uma alternativa para aproximação entre esses dois segmentos. Também se mostra ser um caminho para a superação de dificuldades e como possibilidade de aproximação e como redução de desencontros entre os dois contextos (SILVA, RISTUM, DAZZANI, 2015).

Ainda como um meio de aproximação família-escola, tem o próprio dever de casa que, se enfrentado pelos pais, pode ser mais um instrumento de interação. Contudo, como se sabe, muitos pais têm transferido essa tarefa para a rede de apoio, como professores particulares, avós, babás, tios, perdendo a grande oportunidade de estarem próximos de seus filhos e da escola escolhida para eles. Esse fato infelizmente é observado em todas as classes sociais, inclusive, as camadas sociais de baixa renda.

Uma outra questão bastante relevante é que, em tempos de crescente índice de

violência contra a criança e o adolescente, todos que fazem parte da rede de apoio precisam estar atentos e se unir para combater com veemência esse crime.

A violência pode ser estrutural ou interpessoal. Na definição de (CARVALHO, IRIART, BESNOSIK, LARANJEIRA, 2016) a violência estrutural é responsável pela desigualdade social e contribui com o fomento da violência interpessoal, nos diferentes segmentos sociais, em especial, na dinâmica e no modelo familiar. Já a violência interpessoal é responsável em impedir o adequado e desejado desenvolvimento e pertencimento social da criança e do adolescente, exatamente por conta dos traumas físicos e psicológicos que são deixados pelos agressores que são pessoas da própria família ou responsáveis.

O espaço escolar deve ser visto como um local privilegiado de identificação da violência doméstica, representando um espaço para a reflexão sobre questões que envolvem crianças e jovens, pais e filhos, professores e alunos (CARVALHO, IRIART, BESNOSIK, LARANJEIRA, 2016).

No Brasil, existem legislações próprias que visam a combater essa violência, em destaque o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069, sancionada em 1990), mas o desafio social é enorme e a luta contra a violência deve ser permanente.

A rede de proteção, formada por diferentes entes e setores da sociedade, também aparece como mais um instrumento de fortalecimento das articulações e metas das políticas e programas sociais voltados para garantias de direitos da criança e do adolescente. Mas, sem a união de todos, torna-se muito difícil transformar essa realidade.

Inclusive, sabe-se que desde a década de 80 a violência deliquencial vem se instalando no País, tendo como atores centrais as crianças, adolescentes e os jovens (CARVALHO, IRIART, BESNOSIK, LARANJEIRA, 2016).

A escola nem sempre é um ambiente de inclusão, mas é indiscutível que além de servir como local de proteção, pode ajudar na formação humana com seus educadores e corpo diretivo, já que não é necessariamente o conteúdo que importa, mas as habilidades que são desenvolvidas, como aprender a conviver, as regras de socialização, rotina, respeito ao próximo, disciplina. O trabalho é

preventivo e para que dê resultado efetivo é necessário envolver não só os alunos e professores, mas também os filhos e pais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V.M.P; MOREIRA, L. V. C. Colaboradores das famílias na educação dos filhos: vantagens e desvantagens. In Moreira, L.V.C e Rabinovich, E.P. (orgs). **Família e parentalidade: olhares da Psicologia e da História.** Curitiba: Juruá Editora, 2011, p. 187-204.

BRITO, R.C; KOLLER, S.H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In. Carvalho, A.M (Org.). **O mundo social da criança: natureza e cultura em ação.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. Cap. 7, pp – 115-129.

CARVALHO, R.C. Inclusão social em tempos de violência. In: Carvalho, R.C.; Iriart, M.F;S.; Besnosik, M.H.R.; Laranjeira, D.H.P. (Orgs.) **Inclusão social em tempos de violência: o lugar família.** Feira de Santana: UEFS, 2016, p. 103-117.

FARIA FILHO, L.M. Na relação escola-família, a criança como educador: um olhar sobre a Escola Nova em Minas Gerais. In.

Gondra, J.G (org.). **História, infância e escolarização.** Rio de Janeiro: 7 letras, 2002, p. 80-93.

IRIART, M.F;S.; LARANJEIRA, D.H.P. Violência, família e escola: uma abordagem bioecológica. In. Carvalho, R.C.; Iriart, M.F.S.; Besnosik, M.H.R.; Laranjeira, D.H.P. (Orgs.) **Inclusão social em tempos de violência: o lugar família.** Feira de Santana: UEFS, 2016, p. 119-144.

LEAL, T.C.M.; MOREIRA, L.V.C. A família e seu estudo na perspectiva de professores e formandos de um curso de licenciatura em pedagogia. In. Moreira, L.V.C e Rabinovich, E.P. (orgs). **Família e parentalidade: olhares da Psicologia e da História.** Curitiba: Juruá Editora, 2011, p. 63-79.

OLIVEIRA, C.B.E.; MARINHO-ARAÚJO, C.M. **A relação família-escola: interseções e desafios.** Estudos de Psicologia, Campinas 27 (1), p. 99-108, janeiro-março 2010.

SILVA, D.N; RISTUM, M; DAZZANI, M.V.M. A relação família-escola: parcerias e desencontros. In: Bastos, A.C.S; Moreira, L.V.C.; Petrini, G; Alcântara, M.A.R (Orgs.). **Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade.** Curitiba. Juruá Editora, 2015, p. 289-312.